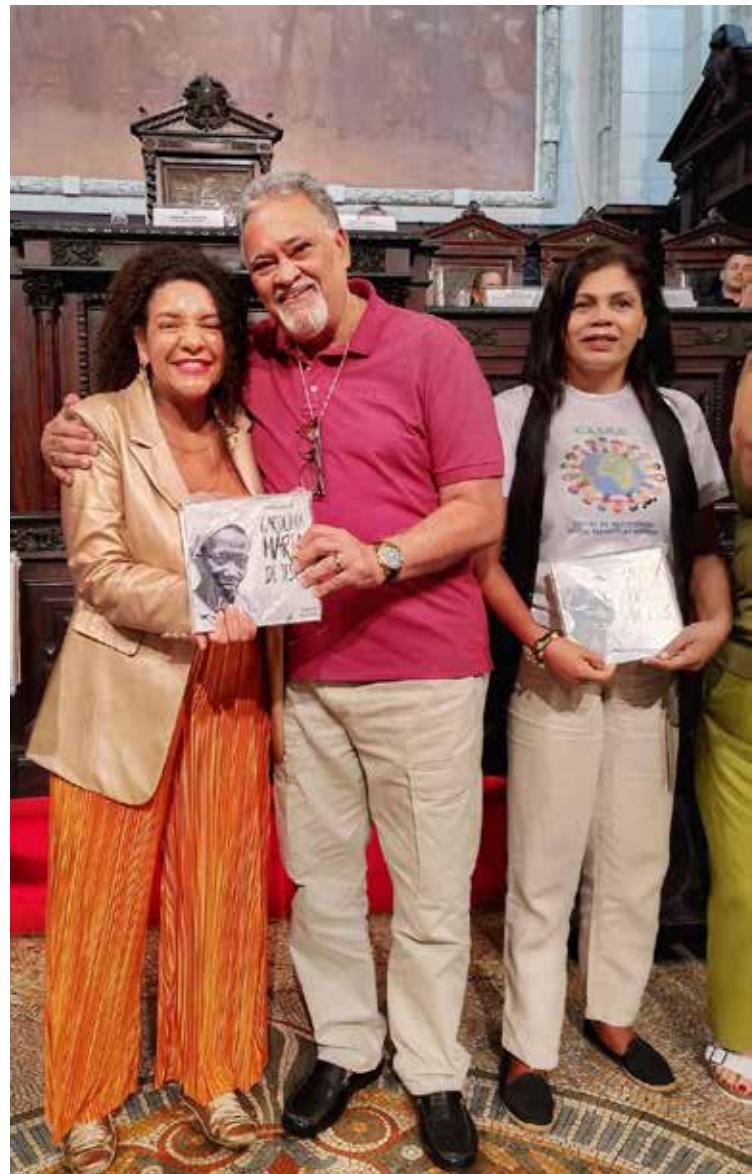


JAAJ recebe singela homenagem



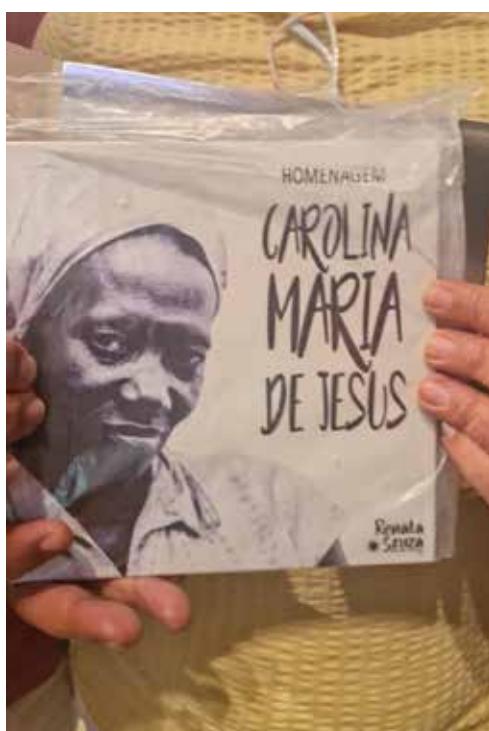
Almir Paulo, coordenador do JAAJ, recebe o prêmio das mãos da deputada Renata Souza

O aceno de Jacarepaguá diante das emergências climáticas
AMAF continua na luta em defesa da Floresta em Pé

Página 2

O Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro contesta o projeto do Parque do Legado Olímpico

Página 5



Prêmio traz memória de escritora brasileira Carolina Maria de Jesus

► EDITORIAL

Congresso Nacional: inimigo do povo?

No dia 14/12/2025, as ruas voltaram a ser palco de uma mobilização que ecoa um recado claro ao Congresso Nacional: é preciso ouvir a voz das ruas. A manifestação teve como foco a rejeição ao chamado Projeto de Lei da Dosimetria, iniciativa que propõe a redução significativa das penas aplicadas aos condenados pela tentativa de golpe, incluindo o ex-presidente Jair Bolsonaro.

A reação popular revela a preocupação com retrocessos no campo da justiça e da responsabilização. Em um país marcado por uma história recente de ataques às instituições democráticas, qualquer movimento que sinalize complacência com crimes contra a ordem constitucional é visto como uma afronta à democracia e ao Estado de Direito.

Ao se mobilizar, a sociedade reafirma que não aceita acordos políticos que relativizem a gravidade desses atos. O Congresso, como representante do povo, tem o dever de agir com responsabilidade histórica, garantindo que a lei não sirva para promover a impunidade, mas para fortalecer a democracia e a confiança nas instituições.

Cultura

- Você é “cria” de Jacarepaguá?
- Renata Moraes luta pela cultura em Jacarepaguá

Páginas 7 e 8

História da Região

- O embranquecimento de Barra e Itanhangá
- Fazenda do V Alqueire ou Fazenda do Valqueire

Páginas 4 e 8



Sidney Teixeira
Columnista

A luta pela instituição da unidade de conservação da parte ainda desprotegida do Maciço da Tijuca continua! Enquanto esperamos as vias administrativas da Prefeitura e a decisão do prefeito em aprovar ou não a política reivindicada pela socieda-

de e definida pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Clima, nós, da sociedade civil, pressionamos.

Em 16 de novembro, fizemos mais uma trilha pelo rio Papagaio, passando por cachoeiras que guardam um potencial ri-quíssimo para as futuras gerações.

Em Belém, na Conferência das Par-tes, os líderes mundiais debateram políticas

do futuro da humanidade. Em várias partes do país, as pessoas aproveitavam o feriado para descansar. Nós tentávamos chamar a atenção para um pequeno fragmento flo-restal de Mata Atlântica ainda desprotegido e precisando de atenção em nossa região.

Na véspera, em 15 de novembro, co-memorando a Proclamação da República, colocamos a banquinha da AMAF na praça Jorge da Costa Pinto! Muito simbólico! Re-pública se faz com a voz do povo em um

verdadeiro debate de políticas públicas. E foi isso que nós fizemos e sempre fazemos. Levamos a Associação de Moradores e Ami-gos da Freguesia (AMAF) para debater com a comunidade local do bairro sobre essa medida que ansiosamente aguardamos. JORNAL.E agora deixamos o apelo ao pre-fecto Eduardo Paes, que deve receber a minuta de decreto nos próximos dias, re-forçando o grito coletivo de que o carioca quer a Floresta em Pé.



Grupo na concentração para a trilha do Rio Papagaio à frente da sua entrada na Estrada do Quitite. Ao fundo, o Morro Mata-Cavalo (com a Pedra do Urubu).

foto: Site da AMAF



Mesinha da AMAF em Praça Jorge da Costa Pinto. Da esquerda para direita, Antonio Ribeiro, Antonio Segio Soares, Estela Maria de Oliveira, Yuri Leal, Hélcio Jordão Júnior, Sidney Teixeira Jr. e Gabriel Finotti



Mesinha da AMAF antes da trilha na Praça Jorge da Costa Pinto. Edmilson Omena de costas

Projeto de Zumba Transforma a Rotina da Terceira Idade na Taquara



Magnun Alves
Escritor

Um olhar para a saúde da terceira idade. Atividade física sempre faz bem, principalmente quando se tem boas com-pañhias. Pensando nisso, um projeto foi planejado e implantado pela Prefeitura do Rio na Praça Orleans, Taquara.

Aulas de zumba com o professor Ribas e o Wallace, os dois alternando os dias da semana. No início eram apenas 10 alunos; hoje, já passam de 120 alunos no grupo do projeto.

A aluna mais experiente é a dona

Geny, que aos 91 anos transborda vitali-dade — um verdadeiro exemplo de dedi-cação e bom humor.

A atividade física não só cuida do físico, mas também do psicológico e da autoestima, uma das áreas mais visíveis.

O grupo de apoio e todas as rodas de conversa que são feitas após o término de cada aula enriquecem ainda mais a ex-periência.

O sucesso desse trabalho é notado pela expansão da faixa etária, que alcan-cou outras idades, e hoje muitos dizem ter ganhado uma nova família. Atividade física é vida e saúde, e a melhor idade é o seu estado mental.



Viva sua melhor idade!

EXPEDIENTE



Conselho Editorial: Aguiinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Douglas Aguiar (Em Memória), Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Luiz Claudio,

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64.
Críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br Tel (21) 97246-2213

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.

Manoel Meirelles (Em Memória), Maraci Soares, Marcus Aguiar, Pablo das Oliveiras, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabras) (Em Memória), Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmíria Gueda, Vaneide Carmo, Vanessa Guida e Wladimir Loureiro.

Diagramação e Arte: Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa.

Revisão: Vânia Santiago.



JAAJ recebe homenagem na Alerj

Prêmio Carolina Maria de Jesus é destinado à pessoas e instituições com ações voltadas para comunidades periféricas

Bianca Lopes
Estagiária sob
supervisão da
jornalista Juçara Braga

O Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá (JAAJ) foi homenageado na Alerj, no dia 11 de dezembro, em evento organizado pela deputada Renata Souza (PSOL-RJ).

Na cerimônia foram homenageadas e premiadas pessoas e instituições dedicadas ao trabalho nas comunidades, atuando nas esferas de educação, cultura, comunicação, soberania alimentar, direitos humanos e capoeira.

O critério para escolha dos homenageados foi o trabalho coletivo, comunicadores populares e lideranças que tenham trabalho relevantes em favelas e periferias, promovendo a luta antirracista.

A deputada Renata Souza concede o prêmio Carolina Maria de Jesus desde 2019, com o objetivo de fazer com que a obra e o legado da escritora sejam inspiração e ferramenta política para valorizar a cultura das favelas através do reconhecimento dos trabalhos realizados por coletivos, comunicadores populares e lideranças que atuam em favelas e na luta antirracista, promovendo a justiça social e racial no Brasil.

A deputada Renata Souza ficou muito emocionada durante todo o evento na Alerj, chegando a ter dificuldade de falar ao ver o plenário lotado com tanta gente bonita construindo vidas. Ela agradeceu a presença de todos e disse que seu propósito é dar vez e voz a toda comunicação alternativa e comunitária.

No evento, além da palavra de abertura da deputada Renata Souza, também usaram da palavra lideranças comunitárias e o encerramento teve apresentação de um grupo de capoeira.

O Jornal Abaixo-Assinado – JAAJ foi representado por seu fundador Almir Paulo e equipe.

Almir, emocionado, se disse feliz por lançar luz sobre os movimentos sociais populares por meio do JAAJ.

Onoso jornal faz parte dessa luta, contando com a participação popular para educar, informar e fazer a história, disse ele.

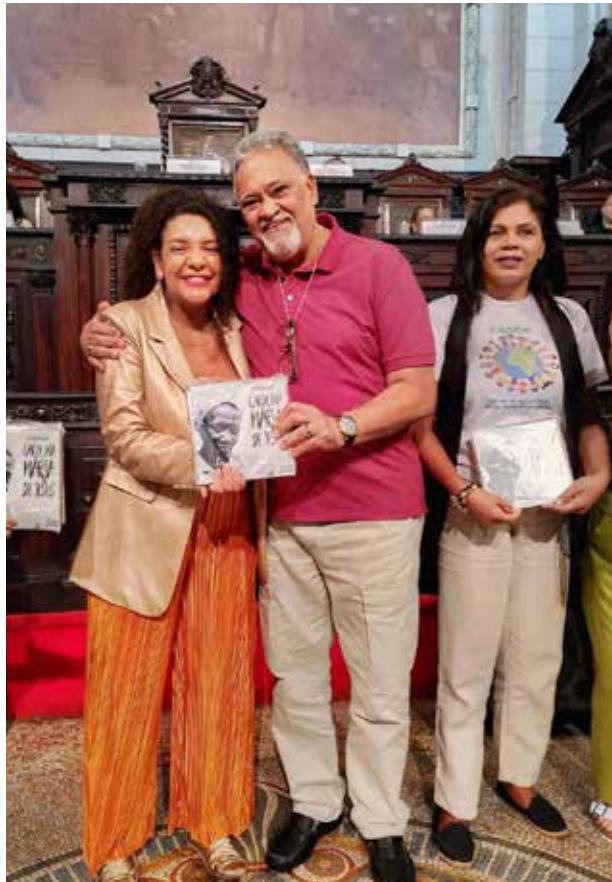
Almir Paulo explicou que o Jornal Abaixo-Assinado é feito por um coletivo de pessoas que participam da luta comunitária na Baixada de Jacarepaguá.

Pessoas que lutam por aquela região, mesmo sem recursos financeiros.

Por fim, o fundador do JAAJ convidou os leitores participarem do jornal.



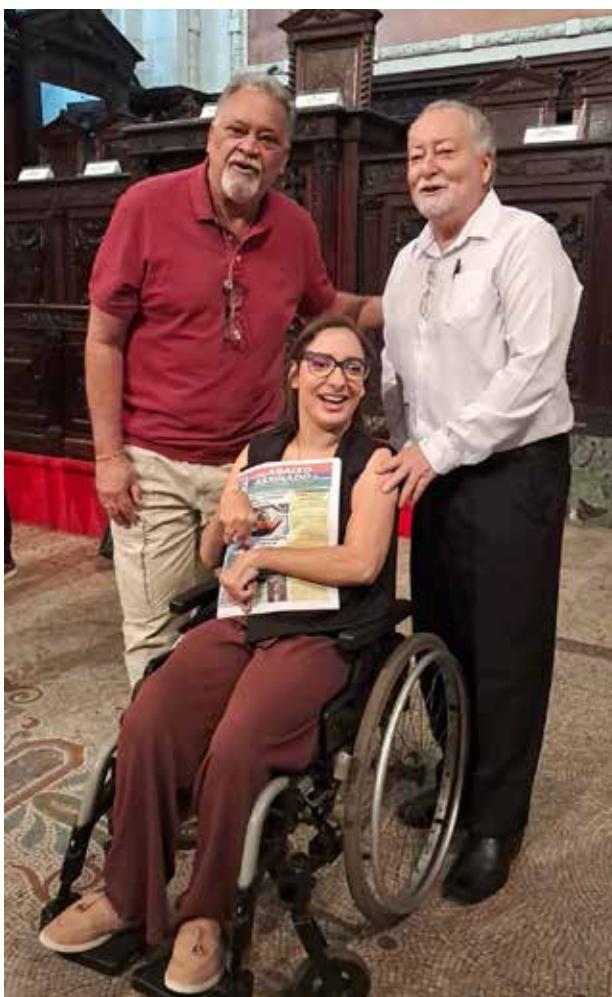
Prêmio traz memória de escritora brasileira que expôs seu sofrimento na literatura



Almir recebe o prêmio das mãos da deputada Renata Souza (PSOL)



Equipe do JAAJ na Alerj - Almir, Ivan, Bianca Lopes, Silvia da Costa e Edelvira



Almir, Bianca e Aurélio



Maraci, Ivan, Silvia, Edelvira e Almir: isso é o JAAJ



Cláudia Santiago, Almir e Flávia Lima



História da Região

Leonardo Soares dos Santos
Professor de História da UFF
e pesquisador do IHBAJA

Seja carioca ou não, ninguém consegue associar o nome Barra da Tijuca ou Itanhangá com imagens que não remetam a clubes (alguns luxuosos), condomínios de alta classe média, campos de golfe, shoppings refinados, carros importados transitando pelas largas avenidas da região. Um e outro bairro são as marcas da bonança e requinte.

Um dos marcos desse imaginário dominante é o Itanhangá Golf Club, com seus 27 buracos, que começaram a ser abertos em 1933 e que estreariam dois anos depois, com o patrocínio de Getúlio Vargas.

Quanto a Barra, sobre ela havia uma singularidade que sempre foi destacada pela imprensa, desde pelo menos os anos 40 e que segue sendo sublinhada: a sensação de paz e tranquilidade, típica de um verdadeiro balneário. Inimaginável que num lugar desses, tão aprazível e pa-

O embranquecimento de Barra da Tijuca e Itanhangá

cato, houvesse espaço para conflitos violentos, disputas às vezes sangrentas e contendas judiciais que atravessaram décadas (até séculos, num rumoroso caso....).

Pois bem, isso tudo aconteceu. Mesmo em lugares como Itanhangá e Barra da Tijuca (e ainda acontece!).

Para quem está disposto a recuar bastante no tempo, indico o formidável estudo da professora da UFRJ Fânia Friedman (*Donos do Rio em Nome do Rei. Uma História Fundiária da Cidade do Rio de Janeiro*). Fânia constata que a violência foi a norma no processo de apropriação de terras da região. E isso tanto no período Colonial quanto no Imperial. E seguiria sendo na era Republicana. Quem tiver curiosidade basta dar uma conferida nas notícias da imprensa, principalmente a partir dos anos 50.

No caso do Itanhangá podemos flagrar a luta envolvendo, de um lado, famílias de pescadores que lá habitavam às margens da Lagoa da Tijuca, do outro, o Golf Club. O embate se arrastou por anos, com acusações de ambas as partes de

acesso ilegal às terras do lugar. Ao fim e ao cabo, a parte mais frágil saiu perdendo, mas depois de tenaz resistência.

Quanto à Barra, o noticiário do início da década de 50 dá conta de conflitos entre vários pretendentes proprietários. O mais rumoroso deles foi o que envolveu os nomes do professor Goulart e Madame Grimaldi. O primeiro seria acusado de mandar assassinar um antigo arrendatário que ocupava um lote da Fazenda da Restinga, cuja propriedade era reivindicada por Goulart, mas contestada por muita gente.

E os conflitos não parariam por aí. Pelos anos que se seguiram, inclusive durante a ditadura militar, eles se agravaram. Na maioria dos casos, o grupo mais vulnerável sofria os maiores danos. Estamos falando de um enorme contingente de pequenos lavradores e posseiros humildes que contribuiram para a formação



FONTE: *Última Hora*, 27/12/1954, p. 1.

do território e que foram sendo gradativamente expulsos de suas terras.

Há que se lembrar de que para se tornar o que é hoje, um paraíso da classe média branca, Barra e Itanhangá teve que expropriar sua população preta e pobre. Um fato cuja memória precisa urgentemente ser trazida à luz novamente.

Na Venezuela não se toca!



A história mostra que toda vez que uma potência se arroga o direito de decidir o destino de outro povo, o que está em jogo não é a democracia, mas o poder. O silêncio das instituições internacionais diante dessas ameaças revela que a soberania, muitas vezes, vale menos do que os interesses geopolíticos. Defender a Venezuela, neste momento, não é concordar com um governo, mas afirmar um princípio: nenhum povo deve viver sob a ameaça permanente da força externa. A paz verdadeira só existe quando o direito de decidir o próprio caminho é respeitado.

Almir Paulo

É inaceitável qualquer pretensão de intervenção ou invasão militar dos Estados Unidos contra a Venezuela. Diante da escalada agressiva do governo Trump, causa estranheza e indignação o silêncio da ONU e de organismos internacionais que deveriam zelar pelo direito internacional e pela soberania dos povos.

É inaceitável qualquer ameaça de intervenção militar dos EUA contra a Venezuela. Onde está a ONU? O silêncio é cúmplice.

Partidos políticos, organizações sociais, movimentos populares e entidades democráticas não podem se calar. É urgente somar forças na defesa da soberania

venezuelana frente a mais uma ofensiva ilegítima do imperialismo norte-americano.

Reafirmo que os partidos, movimentos e organizações democráticas precisam se levantar agora. A solidariedade internacional é urgente e concreta.

A solidariedade internacional não é um gesto simbólico: é uma necessidade concreta diante de ameaças reais contra um povo que resiste. Que cada organização levante sua voz, denuncie essa agressão e fortaleça a unidade continental em defesa da autodeterminação dos povos.

Na Venezuela não se toca!

LEIA O SITE DO JAAJ

www.jaajrj.com.br

& FACEBOOK

Jornal Abaixo Assinado de Jacarepaguá



Ministério Públíco contesta Parque do Legado Olímpico

Felipe Lucena
Jornalista e roteirista

O Ministério Públíco do Estado do Rio de Janeiro contestou o projeto do Parque do Legado Olímpico. Entre alguns pontos, o MPRJ criticou a ausência de um Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) e afirmou que isso impede o avanço da proposta.

A manifestação do Ministério Públíco foi enviada em 7 de novembro, antes da decisão legislativa que aprovou o projeto na Câmara dos Vereadores, em 28 do mesmo mês.

No documento, os promotores **Márcia Lustosa Carreira** e **José Alexandre Maximino Mota** rebatem a tese de que discussões anteriores sobre o EIV estariam superadas por decisões já julgadas, classificando essa interpretação como parcial.

O MPRJ resgata ainda posicionamentos antigos da própria Prefeitura. Em 2013, o município defendia a obrigatoriedade do EIV e, anos depois, as ações judiciais que trataram do tema não discutiram o artigo do Estatuto da Cidade que exige o estudo para operações urbanas. Para o órgão, não há impedimento para a análise atual.

Os promotores destacam, ainda, que o novo Plano Diretor, aprovado em 2024, tornou explícita a obrigatoriedade do EIV em OUCs, algo inexistente quando ações anteriores foram julgadas.

O MPRJ afirma que esse marco legal reforça a necessidade de avaliar impactos antes de qualquer transformação urbana na Barra.

Dessa forma, mesmo após a aprovação política da operação, o processo segue aberto na Justiça. Caberá ao Judiciário decidir se o projeto poderá avançar ou se dependerá primeiro da elaboração do estudo solicitado pelo Ministério Públíco.

"Enquanto o debate se atém a questões jurídicas e filigranas que raramente revertem as decisões do Executivo e do Legislativo, o mau urbanismo progride. A expansão urbana desenfreada e incentivada soma-se ao aumento de gabaritos de altura e de índices construtivos em geral, alimentados por



Foto: Prefeitura do Rio

leis perniciosas e malabarismos que transferem potenciais inexistentes – porque teóricos – para bairros saturados, manobras repetidas à exaustão em todas as administrações do atual prefeito. Essa é a discussão que falta. Fica o silêncio de arquitetos, urbanistas, instituições de classe e acadêmicas", destaca um texto do portal Urbe CaRioca.

O projeto

De acordo com a comunicação da Câmara dos Vereadores, a Operação Urbana Consorciada se destina a conceder à iniciativa privada a administração de uma área de 1.180.000 de m², por 30 anos, oferecendo, em contrapartida, a trans-

ferência do potencial construtivo do local – estimado em 1.044.586 m² – para outras áreas da Barra e de Jacarepaguá.

Com investimentos na ordem de R\$ 7,9 bilhões, o Projeto Imagine – Parque do Legado Olímpico – vai abrigar uma área temática, anfiteatro, hub criativo com pista para patinação no gelo, museu das Olímpiadas, abrigo permanente para o Rock in Rio, resort, torre de escritórios, dentre vários outros equipamentos.

Segundo dados da empresa, em 30 anos o projeto vai injetar R\$ 240 bilhões na economia local e gerar 143 mil empregos.



Observatório Popular

Juçara Braga
Jornalista

No domingo (14/12), a população voltou às ruas para manifestar sua vontade contra os desmandos daqueles que se acham donos do Congresso Nacional. Milhares de pessoas participaram de manifestações nas capitais, no interior e no Distrito Federal contra o Projeto de Lei da Dosimetria que, na verdade, é um disfarce para conceder anistia ao ex-presidente Jair Bolsonaro e reduzir as penas daqueles que atentaram violentamente contra o Estado Democrático de Direito em ações que culminaram no 8 de janeiro de 2023. Esse projeto mostra a verdadeira face dos congressistas que querem manter o povo no cabresto para continuar

A força das ruas

"passando a boiada" a favor de seus interesses pessoais. Como muito bem lembra o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), todos os condenados tiveram pleno direito à defesa. Aliás, cabe ressaltar que suas penas foram estabelecidas de acordo com os parâmetros enquadrados "dentro das quatro linhas da Constituição".

Então, não cabe reclamação.

Consciente disso, a população brasileira volta às ruas para mandar sua mensagem a Hugo Motta, presidente da Câmara, a Davi Alcolumbre, presidente do Senado, e a seus pares: não daremos folga a antidemocratas e defensores de golpistas.

Importante ressaltar que temos que criminalizar os políticos contrários aos interesses do povo brasileiro, não a Política, pois sem ela não se vive. É isto, queridos leitores e leitoras do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá. Meus cumprimentos a todas e todos com votos de um Natal de paz e um Novo Ano de muitas lutas e vitórias. Não vamos deixar barato. Eles, os congressistas, têm que fazer o que nós queremos e não o que eles querem.



Foto: Juçara Braga

Deputada federal Sâmia Bomfim discursa para milhares de pessoas na Avenida Paulista

Você é “cria” de Jacarepaguá?

A violência e insegurança têm tomado conta de Jacarepaguá e, muitas vezes ao andar pelas ruas, ficamos nervosos e apreensivos. Mas, no final de novembro, nas ruas da Curicica, algo estava diferente! A loja de açaí estava cheia de adolescentes com roupas coloridas, animados com a apresentação de dança afro que aconteceria no Núcleo de Artes da escola municipal Silveira Sampaio, todos com seus rostos cheios de cores e de sorrisos.

O Núcleo de Arte pertence à Prefeitura do Rio de Janeiro, 7ª coordenadoria sendo elemento integrante da Gerência de Projetos Pedagógicos Extracurriculares (GPPE). Localizado na rua José Perrota nº 31, dentro da Escola Municipal Silveira Sampaio, em Curicica, o local recebe alunos de toda rede municipal do Rio de Janeiro, os quais podem se matricular independentemente de qual unidade escolar vieram.

Neste local, crianças e adolescentes têm acesso a aulas de ballet, afro, jazz, sapateado, violão, violino, teclado, bateria, canto e coral, teatro, atletismo, futsal, jiu-jitsu e voleibol, desenvolvendo suas habilidades e participando de apresentações e campeonatos que ampliam suas visões de mundo. Deste mesmo ambiente, saíram atletas que disputaram e venceram campeonatos diversos e participaram com sucesso das Olimpíadas, assim como músicos que se consagraram em carreiras solo ou como acompanhantes de artistas renomados no cenário nacional.

Nesse ano de 2025, o Núcleo de Arte desenvolveu o projeto artístico denominado “Sou Cria”, onde os alunos puderam se expressar das mais variadas formas sobre o local onde vivem. Foi um sucesso de pertencimento ao território, de beleza, de identidade da “favela” e, consequentemente, da cultura carioca. Ter orgulho do lugar onde so-

mos criados, do ambiente que nos é familiar, é honrar os que vieram antes de nós. O conceito de comunidade é utilizado para definir pessoas que vivem num território comum, e sabemos que o termo “favela” vem sendo considerado pejorativo, pois é visto como um lugar de falta, de escassez.

Entretanto, o projeto “Sou Cria” demonstrou que a solidariedade no cotidiano, a alegria como forma de resistência e a busca por direitos e por dignidade estão presentes nessa cultura que é tão própria à favela. Assim, poder observar os alunos e a comunidade encantados com fotos, maquetes, pinturas e as apresentações de dança e teatro foi simplesmente algo lindo de se ver. Emociona ver um pai relembrando e dançando um funk antigo, a foto tirada pelo adolescente registrando a marquinha de biquini feita na laje.

Tradição solidária na comunidade, vimos também a troca de serviços de beleza entre as pessoas, cada qual oferecendo sua especialidade, o que possibilitou o acesso aos cabelos descoloridos no estilo “nevou”, os cortes de cabelo trabalhados e diferentes, as tranças africanas e os designers de unha. Outras manifestações estavam presentes na feitura da pipa, na marimba (termo que faz parte apenas do “dialeto carioquês”, não possuindo o mesmo significado em outros estados brasileiros), na tia da esquina que vende sacolé...

Todos esses movimentos são expressões naturais e culturais de um povo que re-



Fotos de Marcelo Medeiros



Fotos da exposição "Sou cria" do Núcleo de artes da Escola Municipal Silveira Sampaio.

siste e insiste em viver de um jeito próprio, do seu jeito. Na favela, o vizinho não nega um pouco de açúcar e as crias são olhadas por todos, sem distinção (não é considerado fofoca isso). Como o termo comunidade nos faz pensar, a solidariedade é algo comum e necessário.

As fotografias produzidas pelos próprios alunos mostraram a alegria estampada nos rostos de quem insiste em ser feliz e, de forma poética, uma natureza diferente em Curicica, com suas montanhas exuberantes, cobertas por trechos de Mata Atlântica ainda vicejantes, com uma variedade incrível de flora natural da região. Uma parte da exposição fotográfica chamou bastante a atenção: a favela tem fome de quê? A resposta veio escrita em painéis,

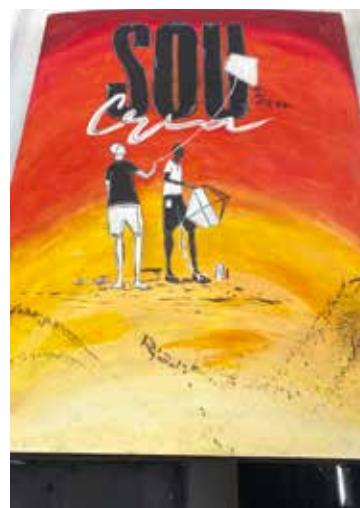
educação, cultura, arte pintada, arte em movimento, arte de todas as formas...

Parafraseando os funkeiros Cidinho e Doca: “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci e poder me orgulhar e ter a consciência que aqui é o meu lugar”. Homenageando personagens negros que são oriundos de comunidades como Machado de Assis, Elza Soares, Carolina Maria de Jesus e Emicida, o projeto dá mais um exemplo que o conhecimento transforma.

Longe de romantizar a pobreza ou toda violência que essas comunidades sofrem, é importante destacar um local como o Núcleo de Arte, que não somente valoriza a cultura da favela, como também oportuniza a essas crianças e adolescentes terem outras vivências, a descobrirem e desenvolverem suas potencialidades, a cultivar a autoestima de um povo que precisa viver e não somente sobreviver.

A culminância do projeto, como acontece todo ano, reuniu famílias, amigos e alunos para assistir as apresentações e ter orgulho da nossa juventude, que necessita de um olhar mais cuidadoso e isso é um dever de todos nós enquanto sociedade. O preconceito e a violência, seja explícita ou velada, delega a esses jovens um lugar da invisibilidade e do não ser. Mas eles são pura possibilidade, podem “fazer batalha de passinhos” e tocar violino, fazer balé e jiu-jitsu ao mesmo tempo.

Lutar por mais pontos de cultura se torna primordial para termos uma sociedade justa e consciente. A arte é um direito fundamental, e a beleza está em todo lugar.





Renata Moraes

Artista preocupada com a cultura em Jacarepaguá

Cíntia Travassos
Produtora

Renata Moraes é carioca e mora na Praça Seca, Jacarepaguá. Ela diz que nasceu artista, e o teatro e ações artísticas sempre fizeram parte da sua vida.

Em 2014, fundou o Coletivo Crespinhos S.A., um projeto voltado para ações antirracistas e afirmativas direcionadas a crianças e adolescentes pretos.

O coletivo teve, e ainda tem, grande impacto no Rio de Janeiro e no Brasil, sendo reconhecido pela Prefeitura do Rio

e por diversas instituições nacionais como uma iniciativa de extrema importância para o desenvolvimento da infância e da juventude negra. Sua primeira participação no Coletivo ocorreu no ano de 1998, no Centro Cultural Municipal Professora Dyla Sylvia de Sá, situado na Praça Seca

Atualmente, atua como produtora cultural na Areninha Jacob do Bandolim, onde desenvolve ações e projetos voltados à cultura, formação de público e fortalecimento das manifestações artísticas do território.

Seu maior sonho é conseguir viver do seu trabalho na cultura, realizando projetos

que transformem o seu território.

Moraes luta e quer ver o seu território se tornar um lugar potente, onde possa formar artistas, desenvolver projetos, construir história cultural, reduzir desigualdades que ainda existem, e produzir, criar e fortalecer ações na região, para que as pessoas não precisem se deslocar até o grande centro para consumir arte, cultura ou participar de experiências significativas.

Enfim, Renata Moraes acredita profundamente que a cultura e a educação transformam vidas, assim como transformaram a sua.



Renata Moraes participando da mesa do Encontro de Mobilização Mulheres em Rede



De lá pra cá... daqui pra onde?

Conto 6: E o passeio, vai ou não vai...

Pablo das Oliveiras
Professor & Poeta

Dalva - Ô de casa!... boa noite Joana! pensei que não fosse dar tempo de chegar...

Joana - Ainda não chegou ninguém. Dalva senta aqui e me diz, tu vai deixar de botar a barraca na praia e faturar no domingo, pra fazer passeio com criança?

Dalva - Ó... quer saber? Pensa comigo, esse passeio pode ser um teste... conforme for, pode virar um serviço de lazer e renda? Esse passeio vai ser bom pra crianças e pra nós também...

Joana - Comadre vê longe e não dá ponto sem nó... Eu vou passar um café.

Dalva - E eu trouxe esses biscoitos, pra beber na reunião...

Bebel - Benção Madrinha! Eu e o Kevin já fizemos o roteiro do passeio...

Dalva - Deus te abençoe! Deixa a madrinha ver... que o pessoal já está chegando...

Bebel - Oi Beto! Oi Kevin!... Oi Seu Riba! Que bom que o senhor veio.

Seu Riba - Olá Bebel! Boa noite pra todos!

Dalva - Pessoal, vamos começar, porque tem mãe que avisou no Zap, que não

pode vir... Até agora, estão confirmados pro passeio: Bebel, Kevin, Alê, Fabi, Gâmba e mais três adultos, ... O Beto vai falar sobre o transporte.

Beto - Bem... na VAN não pode viajar em pé; todo mundo tem de usar o cinto de segurança e identificação pras crianças... mas ainda não tenho o roteiro...

Dalva - As crianças já fizeram... Está aqui.

Beto - Humm... ponto de saída de Jacarepaguá, pelo Itanhangá até o Parque da Floresta da Tijuca... seguindo pro Maracanã e depois até a Baía da Guanabara e por último Ipanema.... É um circuito bem grande...

Joana - Tem certeza Filha, é isso tudo de lugar pra ir?

Bebel - É para conhecer os bairros com nomes indígenas, e nós só escolhemos estes cinco... Sabia que tem muito, muito mais?

Beto - Bem, o passeio vai ser no domingo, tem menos...

Seu Riba - Veja bem, esse passeio é como um abraço histórico aos primeiros habitantes do Brasil, os indígenas! O roteiro deve ser mantido, com paradas curtas...

Dalva - Boa Seu Riba! Na Floresta da Tijuca, a gente da uma parada para o piquenique...

Seu Riba - Depois segue pro Maracanã e Praia de Botafogo pra ver o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor, no Corcovado.

Beto - Na volta, pra casa, passamos por Ipanema, sem fazer parada, Ok? Outra coisa... a despesa com a gasolina eu já combinei com a Dalva, mas ainda faltam o "dindim" pros estacionamentos...

Seu Riba - Bem, eu gostaria de ir ao passeio, mas não vou poder ir... mas posso colaborar para o estacionamento...

Bebel - Que pena o senhor não ir com a gente...

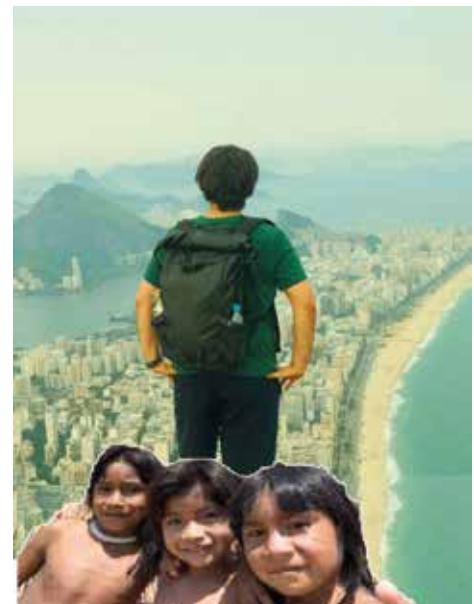
Kevin - Poxa... vai perder a Bebel falando os significados dos bairros indígenas...

Bebel - Kevin, só eu não, você também...

Joana - Pronto!... a discussão desses dois vai ser mais comprida que o passeio...

Dalva - Muito obrigada ao Seu Riba, pelo apoio! E já acertamos tudo. No próximo domingo, não esqueçam de levar merenda, água na mochila e todo mundo às 7H, no ponto de encontro. Pessoal, boa noite!

Joana - Boa noite pra todos! Bom descan-



so, Dalva!...
- Ué Bira... Você tava aí?...
- Tava sim... mas não quis atrapalhar...
- Atrapalhar por que, homem?... O passeio vai ser no domingo... vem com a gente, tem lugar na Van...
- É... mas não sei... será que devo?
- Vamos pai... vem aqui que mostro pro senhor, o roteiro que eu e o Kevin fizemos...
Não vejo a hora pra chegar domingo...



Há 20 anos, nós escrevemos sobre pessoas que defendem ativamente uma causa

JORNAL **ABAIXO ASSINADO** **JPA**

Para fazer sua assinatura e apoiar o Jornal Abaixo-Assinado, acesse www.jaajrj.com.br/catarse.me

Além de receber o jornal todo mês em sua residência, você terá acesso a todo o conteúdo do jornal digitalizado em PDF, via WhatsApp.





Yakaré Upá Guá

Val Costa - Texto e fotos
Pesquisador do IHBAJA
e professor
de História
e Geografia

O bairro da Vila Valqueire localiza-se na AP 4 (Área de Planejamento 4) e faz parte da Região Administrativa de Jacarepaguá. Atualmente, juntamente com outros 19 bairros da cidade do Rio de Janeiro, engloba a chamada Zona Sudoeste. É um tradicional bairro residencial de classe média, com 32.279 habitantes (2010).

No século XVII, a região que ia do Campinho ao Tanque era chamada de Fazenda do Engenho de Fora, que foi posteriormente desmembrada entre vários proprietários, dentre os quais Antônio Fernandes Valqueire. Esse trecho de uma escritura de compra e venda de meados do século XVIII mostra que as terras dessa localidade já pertenciam à Fernandes Valqueire:

“(...) e para a parte de Sapupema se divide com terras do antigo Engenho chamado de Antônio de Sampaio que hoje possui Antônio Fernandes Valqueire (...)”

A origem do nome “Valqueire” deve-se, então, ao antigo proprietário dessa fazenda e não a um suposto 5º alqueire, ou, como também é comum encontrar, a 5ª parte de um alqueire.

Antônio Geremário Teles Dantas, que empresta o seu nome a uma importante avenida de Jacarepaguá, nasceu na Fazenda do Valqueire, em 1889. O avô materno dele, Francisco Teles, foi, durante muito tempo, dono dessas terras.

Fazenda do Valqueire ou Fazenda do V Alqueire?



Foto da Praça Saiqui, que na família linguística Tupi-Guarani significa “olhos lacrimejantes”.



Largo da Amizade - Vila Valqueire

Em 1927, os seus herdeiros de Francisco Teles lotearam essa propriedade, iniciando o processo de arruamento, por intermédio da Companhia Predial. Os lotes só foram ocupados efetivamente na década de 1960, pois a maioria dos compradores adquiriu os terrenos para investir e não para construir imediatamente. Nesse período, alguns logradouros do bairro receberam nomes temáticos. São 15 ruas que possuem nomes de flores, como a Rua das Rosas e a Rua das Camélias.

Em 2013, o Hospital Estadual da Criança foi inaugurado no bairro. Ele oferece tratamento de alto padrão aos pacientes

pediátricos do SUS em casos de média e alta complexidade, como cirurgias ortopédicas, neurocirurgias e transplantes.

Em 2019, uma área do bairro compreendida entre as ruas das Camélias, Dálias, Rosas, Luiz Beltrão, a Estrada Intendente Magalhães e as praças Saiqui e do Valqueire foi designada como Polo Gastronômico e Cultu-

ral, por meio da Lei Municipal n.º 6.888.

Em 2023, a Lei Estadual Nº 10.232 estabeleceu como patrimônio imaterial para fins de preservação cultural, a passarela do samba Avenida Intendente Magalhães. Ela recebe os desfiles das escolas de samba da Série Prata, Série Bronze e do Grupo de Avaliação.

O professor Val Costa participou da gravação de um episódio da série “O Meu Lugar” sobre o bairro da Vila Valqueire. Esse minidocumentário faz parte de um conjunto de vídeos, produzidos pela Rio TV Câmara, que explora os bairros do Rio de Janeiro, mostrando suas histórias, culturas, personagens e particularidades. O vídeo em questão pode ser acessado pelo link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=lJsh7ozWq5c>



**Rodrigo
Hemerly**
Historiador
& professor

O artigo da coluna Fatos e Personalidades da Nossa História do mês de dezembro de 2025, do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens, versa sobre a Revolução Praieira, e tem como objetivo básico esclarecer a população carioca sobre este importante assunto.

A província de Pernambuco era controlada politicamente pelo Partido Conservador (sob o domínio da família Rego-Barros) e o Partido Liberal (sob o controle da família Cavalcanti). No ano de 1842, ocorreu uma dissidência do Partido Liberal, que recebeu o nome de Partido Nacional de Pernambuco (Partido Liberal de Pernambuco e Partido da Praia). Cabe ressaltar que, no ano de 1845, esta dissidência assumiu o coman-

Revolução Praieira (Província de Pernambuco – 1848-1850)

do político da Província de Pernambuco, e Antônio Pinto Chichorro da Gama foi indicado ao cargo de presidente dessa província.

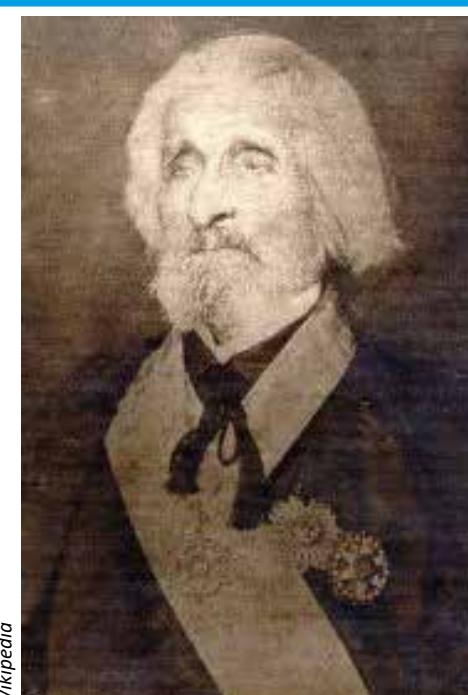
O Partido Nacional de Pernambuco implantou um governo caracterizado pela hostilidade aos seus adversários políticos (basicamente a classe dominante pernambucana), e paralelamente a isto cabe lembrar que a Província de Pernambuco estava agitada do ponto de vista político em virtude de uma série de problemas sociais.

Diante deste cenário, a Coroa brasileira resolveu optar pelo afastamento do Partido Nacional de Pernambuco do comando político da província em questão, substituindo Antônio Pinto Chichorro da Gama por Vicente Pires da Mota (Partido Liberal) no cargo de presidente da Província de Pernambuco.

A instabilidade política permaneceu na província, e a situação chegou ao ápice

quando a Coroa brasileira nomeou Herculano Ferreira Pena (Partido Conservador) para o cargo de presidente da Província de Pernambuco, o que, consequentemente, não foi aceito, pois os simpatizantes do Partido Nacional de Pernambuco protagonizaram uma rebelião (Revolução Praieira), que eclodiu em 1848. Os líderes desse movimento rebelde foram os seguintes: capitão Pedro Ivo Veloso Silveira e o jornalista Antônio Borges da Fonseca.

Os objetivos mais importantes dessa revolta foram expostos por meio de um manifesto, conhecido como Manifesto ao Mundo (que se tornou público em 1849), no qual os revoltosos se posicionaram a favor da extinção do Poder Moderador, implantação do voto universal e comércio varejista exclusivo aos brasileiros. Esta revolta foi aniquilada pelas tropas legalistas, e os envolvidos foram anistiados em 1852.



Antônio Pinto Chichorro da Gama
presidente da província de Pernambuco e
senador do Império do Brasil, de 1865 a 1887,
cargo este na época vitalício.